

da qual  
equilíb  
ma  
o

## O PRINCÍPIO DA CAUSAÇÃO CIRCULAR E ACUMULATIVA

Noção IMPRECISA DE CÍRCULO VICIOSO — Quase todos os que estudam os problemas ligados a desenvolvimento e subdesenvolvimento têm feito, de quando em quando, referências ao "círculo vicioso". O Prof. C.E.A. Winslow, por exemplo, em livro dedicado aos aspectos econômicos da saúde, afirma.<sup>4</sup>

"Era claro... que a pobreza e a doença formavam um círculo vicioso. Homens e mulheres eram doentes porque eram pobres; tornaram-se mais pobres porque eram doentes e mais doentes porque eram mais pobres."

Winslow chamou a atenção para um processo circular e acumulativo, que exercia pressão contínua de cima para baixo, processo êsse no qual um fator negativo era, simultaneamente, causa e efeito de outros fatores negativos.

4 — C. E. A. Winslow, *The Cost of Sickness and the Price of Health Monograph Series*, nº 7, Genebra, 1951, pág. 9; também Gunnar Myrdal, *Economic Aspects of Health, Chron. World Health Organization*, Genebra, 1952, 6, nº 7-8.

Dentro do mesmo espírito, o Prof Ragnar Nurkse, quando proferiu, em 1952, no Cairo, as conferências comemorativas do aniversário do Banco Nacional do Egito, referiu-se ao "círculo vicioso da pobreza" e explicou:<sup>5</sup>

O conceito envolve, naturalmente, uma constelação circular de forças, que tendem a agir e a reagir interdependentemente, de sorte a manter um país pobre em estado de pobreza. Não é difícil encontrar exemplos típicos dessas constelações circulares. Assim, um homem pobre talvez não tenha o bastante para comer; sendo subnutrido, sua saúde será fraca; sendo fraco, sua capacidade de trabalho será baixa, o que significa que será pobre, o que, por sua vez, implica dizer que não terá o suficiente para comer; e assim por diante. Uma situação dessas, aplicada a todo um país, pode reduzir-se a uma proposição truística: "um país é pobre porque é pobre".

É óbvio que uma relação circular entre menos pobreza, mais alimento, melhor saúde e mais alta capacidade de trabalho, manteria um processo acumulativo em ascensão, em vez de descensão.

Todo o folclore norte-americano, inspirado na tendência que tem o povo de acompanhar os vitoriosos, se baseia na concepção de uma espiral ascendente. Note-se, por exemplo, a expressão norte-americana tão típica de sua cultura otimista: "*nothing succeeds like success*".<sup>6</sup> A esse aforisma sobretudo tão real deve acrescentar-se, a fim de preservar o equilíbrio, a idéia tradicional, tam-

5 — Ragnar Nurkse, *Some Aspects of Capital Accumulation in Under-developed Countries*, Cairo, 1952; cf. Ragnar Nurkse, *Problems of Capital Formation in Under-developed Countries*, Oxford, 1953, pág. 4.

6 — Nada sucede tão bem como o sucesso.

bem verdadeira, do círculo vicioso descendente: *nothing fails like failure*.<sup>7</sup>

Como ocorre freqüentemente, a Bíblia exprime perfeitamente a antiga sabedoria popular:

A quem tem será dado e terá abundância, mas de quem não tem será tomado mesmo o que tem.<sup>8</sup>

Nessa admirável sentença percebe-se que o processo acumulativo opera em ambas as direções. Revela-se nela também a compreensão do fato, a que daremos muita importância em nossa análise, de que o processo acumulativo, quando não controlado, promoverá desigualdades crescentes.

EQUILÍBRIO ESTÁVEL: FALSA ANALOGIA — Procurarei neste livro dar formulação mais definida a essa idéia imprecisa da causação circular de um processo acumulativo. Estou convencido de que essa idéia contém em poucas palavras o método mais objetivo de análise da mudança social, portanto uma visão da teoria geral do desenvolvimento e do subdesenvolvimento pela qual todos estamos es-  
perando.

Meu ponto de partida, formulado inicialmente em termos negativos, é a asserção de que a noção de equilíbrio estável é normalmente uma falsa analogia que se estabelece quando se formula a teoria que visa a explicar a mudança no sistema social. O que está errado, ao se aplicar a hipótese do equilíbrio estável à realidade social, é a própria idéia de que o processo social tende a uma posição que se possa descrever como estado

7 — Nada faz malograr tanto quanto o malôgro.

8 — São Matheus, XXV: 29, Cf. XIII: 12. Ouviu-se um camponês do Sul de Portugal dizer: "Aqui, aqueles que têm alguma coisa conseguem tudo, mas aqueles que nada têm nada conseguem."



de equilíbrio entre forças. Por trás dessa idéia, encontra-se outra hipótese, ainda mais fundamental, de que a mudança tende a provocar reações que operam em sentido oposto ao da primeira mudança.

A idéia que pretendo expor é a de que, ao contrário, em geral não se verifica essa tendência à auto-estabilização automática no sistema social. O sistema não se move, espontaneamente, entre forças, na direção de um estado de equilíbrio, mas, constantemente, se afasta dessa posição. Em geral, uma transformação não provoca mudanças compensatórias, mas, antes, as que sustentam e conduzem o sistema, com mais intensidade, na mesma direção da mudança original. Em virtude dessa causação circular, o processo social tende a tornar-se acumulativo e, muitas vezes, a aumentar, aceleradamente, sua velocidade.

Um processo social pode, naturalmente, ser sustado. É possível que se dêem mudanças exógenas, com a direção e a força necessárias para estabilizarem o sistema. A posição de equilíbrio assim estabelecida não é, pois, o resultado natural do jogo de forças do sistema. A posição, além disso, é instável. Qualquer nova mudança exógena iniciará, por sua vez, um processo acumulativo, que se moverá a partir dessa posição, em direção de posterior mudança.

Por outro lado, é possível atingir posição estável mediante interferências políticas planejadas e aplicadas com a intenção de sustar o movimento. Ora, isto é claramente o contrário de uma tendência natural para o equilíbrio inerente ao sistema.

Essas características gerais do processo de mudança social referem-se ao caso normal; discuti-

rei, na parte final do próximo capítulo, as exceções nas quais atuam tendências compensatórias.

O PROBLEMA DO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS — Certa vez estudei, sistematicamente, o problema do desenvolvimento de um grupo especial: a população negra dos Estados Unidos.<sup>9</sup> Foi por meio desse estudo que verifiquei, pela primeira vez, ser a teoria do equilíbrio insatisfatória e compreendi que a essência de um problema social envolve um complexo de mudanças interdependentes circulares e acumulativas. Pouco a pouco, adotei esta idéia como hipótese principal daquela investigação. Meu propósito, ao referir-me a esse trabalho, é exemplificar, concretamente, o mecanismo circular no processo acumulativo das mudanças sociais.

Os negros norte-americanos não estão circunscritos em uma única região geográfica, onde se tenham voluntariamente isolado. Mas, de fato, estão segregados do resto da população norte-americana, e congregados em determinado grupo social perfeitamente distinto, com preocupações coletivas e um destino comum. Esse relativo insulamento social é o resultado da atitude norte-americana de discriminação racial.

Por trás da barreira da discriminação racial os negros vivem tão isolados como se habitassem uma ilha de precárias comunicações com o continente. Desenvolvem uma estrutura de classe toda especial. As desvantagens decorrentes dessa discriminação se refletem no fato de concentrar-se a população negra nos estratos sociais mais baixos e, também, nos níveis inferiores de todos os índices econômicos e sociais. A unidade de interesses e aspirações nesse grupo social é tão grande

<sup>9</sup> — *An American Dilemma, The Negro Problem and Modern Democracy*, Harper's, Nova York, 1944.



quanto a de qualquer país ou região subdesenvolvida.

A posição social relativa dos negros nos Estados Unidos, no fim da década de 30 e no começo da década de 40, quando procedi à minha investigação, melhorou, a partir do grande movimento nacional de 1870, após a Guerra Civil e a Reconstrução; mas as melhoras não foram muito rápidas, e houve, mesmo, algumas recaídas.

As opiniões predominantes entre os cientistas sociais, sobre o problema do negro, eram firmadas em termos de equilíbrio estático e de *laissez-faire*, e demonstravam, nitidamente, a tendência genérica ao fatalismo social, inerente a esse modo de encarar o problema. A desconfiança na eficácia de "interferências" no processo social — os esforços para dar aos brancos visão mais ampla, as campanhas de reabilitação dos negros, por intermédio de tribunais, de legislação, de "movimentos" e "reformas" — caracterizava esse modo de ver, que se supunha ter a marca da objetividade científica em contraposição à credulidade dos que só queriam fazer o bem.<sup>10</sup> A conclusão prática tendia a ser a seguinte: a elevação da posição social do negro continuaria a processar-se, como no passa-

10 — Contudo, os cientistas sociais desse período — embora afirmassem muitas vezes, com toda boa-fé, que seus ensinamentos e conclusões não podiam ter grandes efeitos práticos na evolução das relações interraciais na América — sempre estavam coordenando e organizando os argumentos racionais em prol de mudança social básica. Na realidade, contribuíam para tornar cada vez mais difícil que os brancos educados persistissem em algumas das opiniões estereotipadas e oportunistas, que serviam de base à segregação e à discriminação. Estou convencido, com apoio na demonstração do livro a que me referi, de que a obra dos cientistas sociais norte-americanos, durante o período anterior à I Guerra Mundial, contribuiu poderosamente para produzir as forças propulsoras do desenvolvimento dinâmico das relações interraciais que começaram a se intensificar há 10 anos.

do, de modo muito lento e incerto, fora do alcance de medidas políticas deliberadamente adotadas. "*State-ways cannot change folk-ways*"<sup>11</sup> (As medidas estatais não podem mudar as que são adotadas pelo povo).

Em meu estudo, concluí que o prolongado estado de coisas estabelecido, após a Guerra-Civil, entre negros e brancos, chegara ao fim. "Dentro de 10 anos considerar-se-ia aquele período da história das relações interraciais nos Estados Unidos como um interregno. Tal estado de coisas não representava equilíbrio estável de forças".<sup>12</sup> Positivamente, minha conclusão foi a seguinte: "desde a Reconstrução não havia mais motivos para prevermos mudanças profundas nas questões raciais dos Estados Unidos, mudanças essas que envolvessem progresso na consecução dos ideais norte-americanos".<sup>13</sup> Essa grande e dramática solução de continuidade na evolução da sociedade norte-americana já se consumou. Como estudioso desses assuntos, admito ter cometido equívoco em minhas predições sobre o futuro mas espero ser des-

11 — A concepção do *laissez-faire*, na tradição de William Sumner, com raízes ainda mais antigas na filosofia do direito natural, e seu entusiasmo pelo empirismo mantêm posição particularmente forte nos Estados Unidos, filiando-se, muitas vezes, a uma filosofia imprecisa do determinismo econômico. No período anterior à guerra, apresentava-se ela em duas versões, com muitas posições intermediárias: uma versão marxista radical, cuja expectativa era uma revolução econômica que mudaria tudo, e mesmo erradicaria o preconceito racial, e outra versão, liberal-conservadora ainda mais generalizada, consoante a qual não se poderia esperar essa revolução. Por conseguinte, a situação permanecia bastante próxima da que era; assim sendo, não havia grande possibilidade de alterações substanciais. A teoria de um fator único fortalecia, desse modo, a teoria do equilíbrio e sua própria tendência fatalista, e se opunha a uma concepção racional de interdependência circular que conduziria a um desequilíbrio dinâmico acumulativo e implicasse, portanto, na possibilidade de efeitos ampliados de mudanças intencionalmente provocadas.

12 — *An American Dilemma*, pág. 1.014.

13 — *Ibid*, pág. xix.



culpado por ter indicado, ao menos, um fato comprovado.

**CAUSAÇÃO CIRCULAR** — Esboçarei, agora, em suas linhas essenciais, a teoria social ou a hipótese metodológica, por mim usada naquele estudo.<sup>14</sup>

Em sua forma mais simples, o modelo explanatório se reduz a dois fatores: "o preconceito do branco", que causa a discriminação contra os negros em vários aspectos, e o "baixo padrão de vida da população negra". Esses dois fatores se relacionam mutuamente; o baixo padrão de vida dos negros é mantido pela discriminação dos brancos, enquanto, por outro lado, a pobreza, a ignorância, a superstição, as más condições de habitação, as deficiências sanitárias, a sujeira, o mau cheiro, a indisciplina, a instabilidade das relações familiares e a criminalidade dos negros estimulam e alimentam a antipatia dos brancos.

O preconceito dos brancos e o baixo padrão de vida dos negros são, reciprocamente, causa e efeito. Se, em certo momento, o estado de coisas tende a permanecer praticamente inalterável, isso ocorre porque as duas forças se equilibram: o preconceito dos brancos e sua conseqüente discriminação contra os negros bloqueiam os esforços destes últimos para elevarem seu baixo padrão de vida; por outro lado, esse baixo nível de vida figura entre as causas do preconceito dos brancos, que os induz ao comportamento discriminatório.

14 — O resto desta seção é um sumário do argumento metodológico do livro citado e especialmente do cap. III, seção 7, "A Teoria do Círculo Vicioso", págs. 75 e segs. e Apêndice 3, Uma Nota Metodológica sobre o Princípio de Acumulação, págs. 1.065 e segs.

Essa "acomodação" estática é, porém, inteiramente fortuita, e não provoca, absolutamente, uma posição de equilíbrio estável. Se qualquer dos dois fatores se modificasse, haveria mudança no outro e, também, desencadearia um processo acumulativo de interação mútua, no qual a mudança em determinado fator seria, continuamente, apoiada pela reação do outro. Assim, sucessivamente, de forma circular, todo o sistema se moveria na direção da mudança primária, de maneira cada vez mais ampla. Mesmo que o impulso original cessasse, depois de algum tempo, ambos os fatores se teriam alterado para sempre, ou, o que também poderia suceder, o processo de mudanças recíprocas persistiria, sem possibilidade de neutralização imediata.

Ambos os fatores são fenômenos multicausais. De um lado, o padrão de vida do negro é um conceito amorfo, que só pode ser definido levando-se em consideração vários componentes — emprego, salários, habitação, alimentação, vestuário, saúde, educação, estabilidade nas relações familiares, observância da lei, asseio, ordem, veracidade, lealdade, etc. — que estão interrelacionados, em processo de causação circular. A melhora de qualquer deles tenderia a ser seguida pela de todos os outros e assim direta ou indiretamente provocaria modificação acumulativa, com novas repercussões no padrão de vida do negro.

O outro fator, o preconceito do branco, é de igual modo fenômeno multicausal, como as "atitudes" em geral sempre o são: uma combinação de crenças, verdadeiras e falsas, e os mais diversos juízos de valor. E, como fenômeno multicausal, é igualmente instável. Com efeito, a experiência mostra que se, por acaso, a discriminação em



determinado campo do contato social aumenta ou diminui, a força psicológica subjacente, isto é, o preconceito, tende a mudar, de sorte a reforçar esse comportamento. Isto também se ajusta ao modelo geral de causação circular.

Não se trata apenas de "muitas forças operando no mesmo sentido", pois, de fato, não o estão. Em geral, há períodos em que as forças opostas se equilibram, de sorte que o sistema permanece em repouso até que o impulso seja aplicado em qualquer ponto. Quando todo o sistema começa a mover-se, depois dêsse choque, as mudanças que se operam nas forças atuam na mesma direção, o que não é a mesma coisa. Isto ocorre porque as variáveis se entrelaçam de tal sorte, em processo de causação circular, que a mudança em qualquer delas provoca alterações nas outras, estas fortificam as primeiras, seguindo-se efeitos terciários sobre aquela primeira variável afetada, e assim sucessivamente.

O PROBLEMA CIENTÍFICO — A interrelação causal e circular entre todos os fatores no processo do desenvolvimento de um grupo populacional, como os negros norte-americanos, nos faz compreender a noção geral do *status* do grupo; do mesmo modo, a interrelação entre preços dá sentido à noção de "nível de preço". Um índice dêsse *status* poderia ser elaborado e teria significação como medida da tendência geral do sistema, no tempo ou no espaço. A principal tarefa científica é contudo analisar as interrelações causais dentro do sistema, à medida que ele se move sob a influência de forças externas que pressionam ora em determinado sentido ora em outro, ao ritmo de seus próprios processos internos.

Em estudo realista, o sistema aparece, como é natural, muito mais complicado do que qualquer exemplo abstrato. No caso do problema do negro, cada um dos elementos que constituem os principais fatores da situação — o baixo padrão de vida do negro e o preconceito do branco — precisa ser estudado seriamente com referência a outras variáveis, tais como a região, a classe social, a idade, sexo, etc. O ideal científico não consiste apenas em decompor os fatores em seus elementos e organizá-los dêste modo, mas em dar a cada um deles as medidas quantitativas de sua capacidade de influenciar os outros e de ser influenciado pelas mudanças dos demais elementos dentro do sistema ou por mudanças nas forças exógenas.

Naquele estudo, as forças externas são, em essência, a comunidade nacional. Algumas dessas forças externas, como, por exemplo, a situação dos negócios e as oportunidades de emprego, estão sujeitas a violentas flutuações, a curto prazo. Outras são determinantes mais estáveis, como é o caso do complexo de ideais herdados, que denominei, no meu estudo, "o credo norte-americano", e a conjuntura institucional e política, influenciada e ativada por esses ideais. As forças externas impulsionam e puxam o sistema continuamente, e ao mesmo tempo mudam a estrutura de força dentro do próprio sistema.

O elemento tempo é de importância capital, uma vez que os efeitos de um choque nas diversas variáveis do sistema se projetam diversamente ao longo do eixo do tempo. O aumento no volume do emprego, por exemplo, provocará mudança quase imediata em alguns níveis de vida; já as mudanças nos níveis de educação ou de saúde se realizam mais lentamente, com retardamento dos seus



efeitos sobre outros fatores, ocorrendo assim um atraso no processo de acumulação total.

No plano ideal, a solução científica de um problema como o do negro devia postular-se na forma de um conjunto de equações quantitativas interdependentes, que descrevessem o movimento do sistema estudado sob as várias influências em jogo, e as mudanças internas. Não é preciso mostrar que essa formulação científica, completamente quantitativa e verdadeira, está bastante além de nossa perspectiva, mas sustento que a elaboração dessa solução completa e quantitativa deve ser o objetivo de nossa pesquisa, mesmo quando esta fique muito aquém desse ideal.

Aceitando-se o realismo da hipótese da causalidade circular, certas conclusões gerais podem ser tiradas e vale a pena expô-las neste momento. De início, é inútil buscar um fator predominante, um "fator básico", tal como o "fator econômico".<sup>15</sup> Quando se estuda o problema do negro ou outro problema social partindo desta hipótese, é difícil perceber como pode ser entendido, precisamente, por "fator econômico" isolado, e ainda menos compreender como pode ser "básico", pois tudo é causa de tudo, de maneira circular e interdependente.

Pelas mesmas razões, a aplicação dessa hipótese conduz qualquer estudo realista do desenvolvimento e do subdesenvolvimento em determinado país ou região bem além das fronteiras da teoria econômica tradicional. Há necessidade de estender o estudo, também, aos denominados "fatores não-econômicos", em que os economistas clássicos

15 — Podíamos, nesta altura, notar que se verificou inconsistente aplicação do determinismo econômico marxista, especialmente na literatura sociológica norte-americana, algumas vezes do tipo que Marx e Engels seriam tentados a denominar "marxismo vulgar."

agrupam conceitos tais como a "qualidade de fatores de produção" e a eficiência da produção.

É importante ter em mente que, se a hipótese de causalidade acumulativa se justifica, um movimento ascendente do sistema inteiro pode resultar de medidas aplicadas neste ou naquele de seus pontos; mas isto não equivale a dizer que seja indiferente, do ponto de vista prático e político, onde e como atacar o problema do desenvolvimento.

Quanto mais conhecermos a maneira pela qual os diferentes fatores se interrelacionam — os efeitos que a mudança primária de cada fator provocará em todos os outros — mais seremos capazes de estabelecer os meios de obter a maximização dos resultados de determinado esforço político, destinado a mover e alterar o sistema social.

É improvável, todavia, que uma política racional se realize pela mudança de um fator apenas. Se, de um lado, essa teoria sugere a impossibilidade prática de panacéias, por outro, encoraja o reformador. O princípio de acumulação — à medida que é verdadeiro — enseja efeitos finais de magnitude muito maior do que os esforços e o custo das reformas. O baixo *status* do negro é, por exemplo, tremendo desperdício que se perpetua a si mesmo; o baixo padrão educacional conduz a diminuta produtividade, a deficiências de saúde e rendas reduzidas, estas, por sua vez, deprimem os níveis educacionais, e assim por diante.

Os efeitos finais cumulativamente ampliados de um impulso ascendente, criteriosamente aplicado aos fatores relevantes, são, de certo modo, prova e também índice do 'desperdício social' preexistente. No fim, o custo da melhoria do *status* do negro não importa em "custo real líquido", mas, ao contrário, resulta em grandes "ganhos sociais"



'para a sociedade. A definição desses conceitos políticos, baseados em premissas de valor explícitas, deve formular-se em termos dinâmicos de causação circular de desenvolvimento acumulativo.

Este é, realmente, o princípio segundo o qual é possível a um país subdesenvolvido esperar "levantar-se puxando os cordões dos próprios sapatos", desde que se esforce em cumprir o que o Prof. W. W. Rostow chama "a decolagem do crescimento estável" e possa fazer o sacrifício de esperar a plena recompensa dos seus esforços.<sup>16</sup>

"ARGUMENTUM AD HOMINEM" — Ao iniciar este capítulo referi-me à noção flutuante e imprecisa do "círculo vicioso", citando o folclore e a Bíblia. Realmente, sinto-me identificado com o senso comum quando saliento que a causação circular, em casos normais, é hipótese mais adequada do que o equilíbrio estável para a análise teórica do processo social.

Há certa base na famosa afirmação de John Maynard Keynes de que, em geral, os "homens práticos" são, sem o saber, "escravos de algum finado economista", quando externam opiniões gerais. Pensam, muitas vezes, nos termos metafísicos das doutrinas e conceituações da teoria econômica, mas no seu próprio campo de atividade atuam segundo hipóteses melhores.

Todo homem de negócio bem sucedido tem o princípio do processo acumulativo como uma teoria implícita na sua forma de resolver problemas práticos; de outro modo não obteria êxito.

O político falharia se não levasse em conta em seus cálculos os efeitos acumulativos. Toda fi-

16 — W. W. Rostow, *The Take off into Sustained Growth*, *Economic Journal*, 1956, págs. 25-48.

losophia dos filantropos profissionais está impregnada desta hipótese.<sup>17</sup>

Vou além, sinto-me inclinado a pensar que a acusação de Keynes ao tradicionalismo poderia aplicar-se com mais justiça ainda aos próprios economistas, pois temos o dever indiscutível de libertar de preconceitos não apenas nosso pensamento, mas também o do público em geral.

Os homens práticos anteciparam-se à teoria em questões monetárias. É certo que a conceituação nova e dinâmica — iniciada por Knut Wicksell, seguido por muitos outros, entre eles em lugar muito proeminente Keynes — que os levou à reformulação de tão grande parte da teoria econômica a curto prazo, bem como da política econômica, só era inteiramente original para os teóricos, que não punham em dúvida a lei de J. B. Say, concernente ao equilíbrio necessário entre a oferta global e a demanda global.

Os leigos, naturalmente, jamais acreditaram nessa lei; sempre acreditaram que a demanda po-

17 — De fato, a melhor formulação que já encontrei na ação do processo acumulativo no campo do problema negro foi a de um dos mais esclarecidos presidentes de fundação na América, o falecido Edwin R. Embree, do Fundo Rosenwald: "Há um círculo vicioso na casta. De início, o grupo menosprezado é, em geral, inferior em alguns dos padrões aceitos pela classe dominante. Sendo inferiores, negam-se aos membros da casta degradada os privilégios e as oportunidades de seus concidadãos, e assim são empurrados ainda mais para baixo e em seguida encarados com respeito ainda menor, e portanto se lhes nega mais vigorosamente vantagens e, assim, sucessivamente. Mesmo quando o movimento começa a reverter, como certamente ocorre no caso do negro, há uma descontinuidade desesperadamente longa, à medida que um leve incremento de boa vontade dá um pouco mais de chance, o que leva a um resultado pouco melhor e, deste modo, há um crescente respeito, e assim, lentamente, a igualdade de oportunidades, de consideração e de status (Brown America: *The Story of a New Race*. The Viking Press, New York, 1931, pág. 200). A noção vagamente implícita de que a causação circular retarda o ritmo do progresso é errada.



deria cair aquém da oferta ou excedê-la e que, no primeiro caso, os negócios prosperavam, enquanto no segundo declinavam. A nova conceituação de Wicksell apenas expôs em termos mais claros as idéias imprecisas sustentadas por banqueiros, homens de negócio e líderes políticos, e na base das quais se tinham sempre orientado. É verdade que em plano mais geral, nas conversas e em outras manifestações de seus pontos de vista se sentiam felizes em concordar com as doutrinas e as conceituações falsas dos teóricos.

### TENDÊNCIA PARA AS DESIGUALDADES ECONÔMICAS REGIONAIS EM UM PAÍS

SIMPLES ILUSTRAÇÃO — Sugerir que o princípio da interdependência circular dentro do processo de causalção acumulativa tem validade em todo campo das relações sociais. Esta deve ser a principal hipótese a considerar no estudo do subdesenvolvimento e do desenvolvimento econômico.

Suponha-se que, em determinada comunidade, um acidente ocorra sem solução imediata, isto é, que uma fábrica, de onde grande parte da população retira sua subsistência se incendeie e se torne evidente que não vale a pena reconstruí-la pelo menos naquela localidade. O efeito imediato dessa mudança primária seria a firma proprietária deixar de operar e os trabalhadores perderem o emprego. Esse resultado diminuiria as rendas e a demanda.

Por seu turno, a diminuição da demanda reduzirá as rendas e causará desemprego em todos os outros negócios da comunidade, cujos produtos e serviços eram vendidos à firma e seus empregados. Desencadeia-se, assim, um processo de cau-